

Medida criticada

A primeira ação concreta de transferência dos feirantes para um lugar fixo pôs fim a uma sucessão de promessas, que começaram a ser feitas em 1998. "Espero que não fique no papel mais uma vez. Trabalho na rua há oito anos e já perdi as contas de quantas vezes prometeram tirar a gente daqui", reclama a vendedora Márcia Fernandes, 31 anos, moradora de Vicente Pires.

Ela e a mãe comercializam vestidos em um banco na Esplanada dos Ministérios, abaixo do Touring. Juntas, confeccionam as peças, cujas vendas representam uma renda média de R\$ 2 mil por mês. Márcia acredita que a mudança para o terreno ao lado da Rodoferroviária trará benefícios para os camelôs. "Aqui, o movimento é fraco por conta dos traficantes e das prostitutas. Lá, a gente vai poder cativar o cliente."

Com dez anos de trabalho nas ruas, Aldenair Marques, 40, promete não sair delas. A camelô, que reside em Samambaia, vende bijuterias em um banco no Setor Comercial Sul — área onde os camelôs são mais resistentes à transferência para o ponto fixo. "Aqui, as pessoas passam e vêem meus produtos. Se não olham, a gente chama atenção e elas acabam levando a mercadoria. Duvido que alguém vá até aquele fim de mundo para comprar alguma coisa."

A clientela também teme que a transferência para a Rodoferroviária prejudique os feirantes. "Eu moro no Setor Militar Urbano e para mim vai ser melhor. Mas nem todo mundo tem carro para ir até lá. E aqui na Esplanada o movimento é grande por conta da Rodoviária. Será que a mudança não vai atrapalhar o pessoal?", pergunta o militar Ronaldo Gomes da Silva, 21.

O presidente da Associação dos Feirantes e Ambulantes de Brasília, Raimundo Alves de Oliveira, comemora a doação do terreno, mas cobra do governo melhores condições de trabalho para os camelôs. "Não adianta mudar a gente para um lugar sem infra-estrutura. Tem de ser um local decente, onde a gente

possa ganhar a vida honestamente, sem incomodar ninguém." Raimundo, que vende roupas na Esplanada, diz que aproveitadores não terão sucesso ao tentar um boxe no novo espaço. "Só vai ter direito a uma barraca quem realmente vive disso e for cadastrado."

Para o urbanista Benny Schasberg, professor da Universidade de Brasília, a mudança dos camelôs é equivocada. Ele acredita que a medida reforça a cultura da invasão, tão comum no DF. "Mesmo que seja uma área cedida, ela beneficiará pessoas que antes invadiram e desrespeitaram o espaço público. Não sou contra o mercado informal, mas uma ação dessa natureza precisa de estudos técnicos nas áreas ambiental e urbanística."

João Arnolfo Carvalho, conselheiro do Fórum de ONGs Ambientalistas do DF, criticou a cessão do terreno. Ele demonstra preocupação com o impacto que a obra poderá causar ao meio ambiente, uma vez que haverá derrubada de vegetação, construção de ruas e o risco de contaminação de lençóis freáticos com esgoto. "A área fica às margens do Parque Nacional. Qualquer intervenção deveria ter o aval de um Zoneamento Econômico Eco-

lógico. Ficaremos atentos a possíveis danos e tomaremos as medidas necessárias."

O geógrafo Aldo Paviani, do Núcleo de Estudos Urbanos e Regionais da UnB, considera o lugar impróprio, por ser isolado. Ele acredita que lá dificilmente os camelôs sobreviverão, porque o acesso à clientela é limitado e já existe a Feira dos Importados perto dali. "O ideal seria pulverizar esse tipo de comércio pela cidade, pois ele só vinga onde tem gente."

De acordo com o especialista, do ponto de vista econômico e social, a transferência dos ambulantes resolve o problema momentaneamente. Porém, a médio prazo, ele aposta no fracasso da iniciativa. "É inevitável: eles acabarão voltando para um lugar onde as pessoas circulam." (RH)

O CAMELÓDROMO

20 MIL M²

*é a área do terreno
doado pela União
ao GDF*

1,5 MIL

*feirantes deverão
ocupar os boxes
do local*

5 MESES

*é o tempo previsto
para conclusão
da obra*